

A CIDADE QUE SE DESENHA EM NARRATIVAS

Escutas cotidianas e lugares de afeto como caminhos para compreender o urbano

*THE CITY DRAWN THROUGH NARRATIVES:
Everyday encounters and places of affection as
pathways to understanding urban life*

Vitor Maciel de Britto Cunha¹ e Sofia Vezzaro Taiaro²

Resumo

Em um contexto marcado pela homogeneização das experiências urbanas, este artigo investiga como narrativas cotidianas podem ampliar a compreensão da cidade contemporânea para além de suas representações dominantes. A partir de conversas corriqueiras realizadas em São Lourenço (MG), articuladas a práticas cartográficas, instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação e mosaicos de percepções e narrativas elaborados por meio de croquis, buscou-se compreender como diferentes sujeitos constroem lugares de afeto e atribuem sentidos ao território. Os resultados revelam que, para além da imagem turística amplamente difundida da cidade, emergem narrativas vinculadas ao trabalho, ao esporte, à espiritualidade, às memórias e às relações de convivência. Essas experiências evidenciam que os lugares são produzidos por múltiplas temporalidades e formas de habitar, coexistindo com discursos hegemônicos sobre o espaço urbano. Ao valorizar a escuta e as experiências vividas, o estudo contribui para deslocar leituras simplificadas da cidade e ampliar as reflexões sobre outras formas de compreender e planejar o urbano contemporâneo.

Palavras-chave: narrativas urbanas; cidade contemporânea; cartografias; espaços livres públicos.

Abstract

Mangroves act as natural bridges between terrestrial and marine environments and are essential for improving urban environmental quality and mitigating the impacts of extreme weather events. Despite their importance, mangroves are among the most degraded urban ecosystems globally, compromising the resilience of coastal cities to climate events and aggravating the socio-environmental vulnerabilities of the traditional communities that inhabit their shores. These groups, as custodians in the conservation and regeneration of local biodiversity, act as preservers of memory and elements of resistance, guaranteeing the continuity of these vital spaces. The aim of this article is to analyze the historical and social processes of these communities linked to urban mangroves, as well as the landscape as an expression of memory and collective identity. The research proposes to investigate the social dynamics surrounding these ecosystems, reflecting on how the integration of traditional knowledge into urban processes contributes to the valorization of these environments in contemporary cities.

Keywords: urban narratives; contemporary city; cartographies, public open spaces.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Arquitetura pelo mesmo programa (UFRJ/2024) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura (UNITAU/2018).

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Arquitetura pelo mesmo programa (UFRJ/2025) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura (UFES/2023).

Introdução

O artigo apresenta uma abordagem sensível sobre a relação entre os indivíduos e o ambiente construído, compreendendo como os lugares de afeto são constituídos e vivenciados em um contexto no espaço urbano. Nesse sentido, reconhece-se a importância de se estar consciente e atento em um mundo em constante transformação, de modo a compreender as expressões de afeição e de conexão com a realidade vivida, considerando as diversas relações espaço-temporais de diferentes pessoas e grupos sociais em seu cotidiano.

As rápidas transformações sociais e tecnológicas do mundo contemporâneo ampliam essa reflexão, sobretudo porque as experiências cotidianas passam a ser cada vez mais mediadas por dispositivos tecnológicos. Para se deslocar para o trabalho, por exemplo, a percepção do espaço é frequentemente filtrada por celulares, informações instantâneas e contatos virtuais, elementos que interferem nas formas de interação e no modo de se relacionar com o espaço.

No contexto da fragmentação cultural³, esse processo se intensifica. A cooperação torna-se mais desafiadora quando as pessoas tendem a priorizar os interesses de seus próprios grupos, dificultando a construção de soluções comuns que acolham a diversidade. Sennett (2012) destaca que superar essas divisões exige criar oportunidades concretas de diálogo e convivência capazes de aproximar grupos distintos e fortalecer o tecido social.

Nesse cenário, as rápidas transformações da sociedade líquida moderna (Bauman, 2005), impulsionadas pela globalização e pelo avanço tecnológico, têm gerado um crescente sentimento de instabilidade e insegurança nas relações humanas. A velocidade das mudanças fragmenta a experiência do tempo e do espaço, distanciando os indivíduos de suas comunidades e enfraquecendo o senso de pertencimento.

Han (2015) complementa esse olhar ao identificar na sociedade do cansaço uma intensificação da autoexploração, da hiperatividade e da lógica da performance. Na sociedade contemporânea, os indivíduos são constantemente pressionados a desempenhar múltiplos papéis, buscando incessantemente produtividade e sucesso, o que gera esgotamento físico e mental. Assim, enquanto a modernidade líquida dissolve laços e a fluidez das relações, a sociedade do cansaço elimina o espaço para o descanso e para a reflexão, intensificando sentimentos de inadequação e solidão.

Essas transformações sociais repercutem diretamente na configuração urbana⁴. Como observa Abreu (1997), a mudança da ordem espacial reflete as transformações nos sistemas sociais, econômicos e políticos que compõem a sociedade. A evolução urbana decorre tanto de contradições que se tornam insustentáveis quanto de processos de reajuste das estruturas sociais. A cidade, portanto, não é apenas um conjunto de edificações, ela materializa relações de poder, conflitos e interações sociais que caracterizam a sociedade em determinado momento histórico.

³ A fragmentação cultural, conforme discutida por Richard Sennett (2012) em “Juntos”, refere-se ao fenômeno em que sociedades urbanas modernas se tornam mais divididas em grupos distintos, cada um com seus próprios valores, normas e modos de vida. Essa separação pode ocorrer por diversos fatores, como diferenças socioeconômicas, étnicas, religiosas, políticas e até mesmo profissionais.

⁴ Na imensa explosão urbana que ocorre atualmente no Sul Global - na China, na Índia, no Brasil, no México, nos países da África Central -, grandes empresas das finanças e da construção estão padronizando a *ville*, seja no Norte ou no Sul, o crescimento das cidades não gerou grandes experimentações na forma (Sennet, 2018, p.22).

Esse panorama suscita questões sobre se, de maneira quase inconsciente, estariam sendo criadas relações espaço-temporais artificiais, mediadas por uma cultura de homogeneização? À medida que os espaços se tornam cada vez mais virtualizados, corre-se o risco de a sociedade perder a capacidade de estabelecer conexões legítimas com o ambiente físico e com as pessoas ao redor. Ou será que essas conexões estão sendo substituídas por experiências mediadas e padronizadas, que diluem as singularidades dos lugares e afastam os sujeitos da vivência plena do espaço?

Essas perguntas, ainda longe de respostas conclusivas, abrem caminho para reflexões sobre as interações contemporâneas com o espaço urbano e convidam a explorar outras maneiras de perceber e habitar um mundo em constante transformação, no qual o diálogo pode se apresentar como chave para ressignificar tanto os espaços quanto às relações que neles se constroem.

Diante disso, pensar a cidade contemporânea implica reconhecê-la, como aponta Sennett (2018), em seu livro “Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta”, a partir de um campo de tensões:

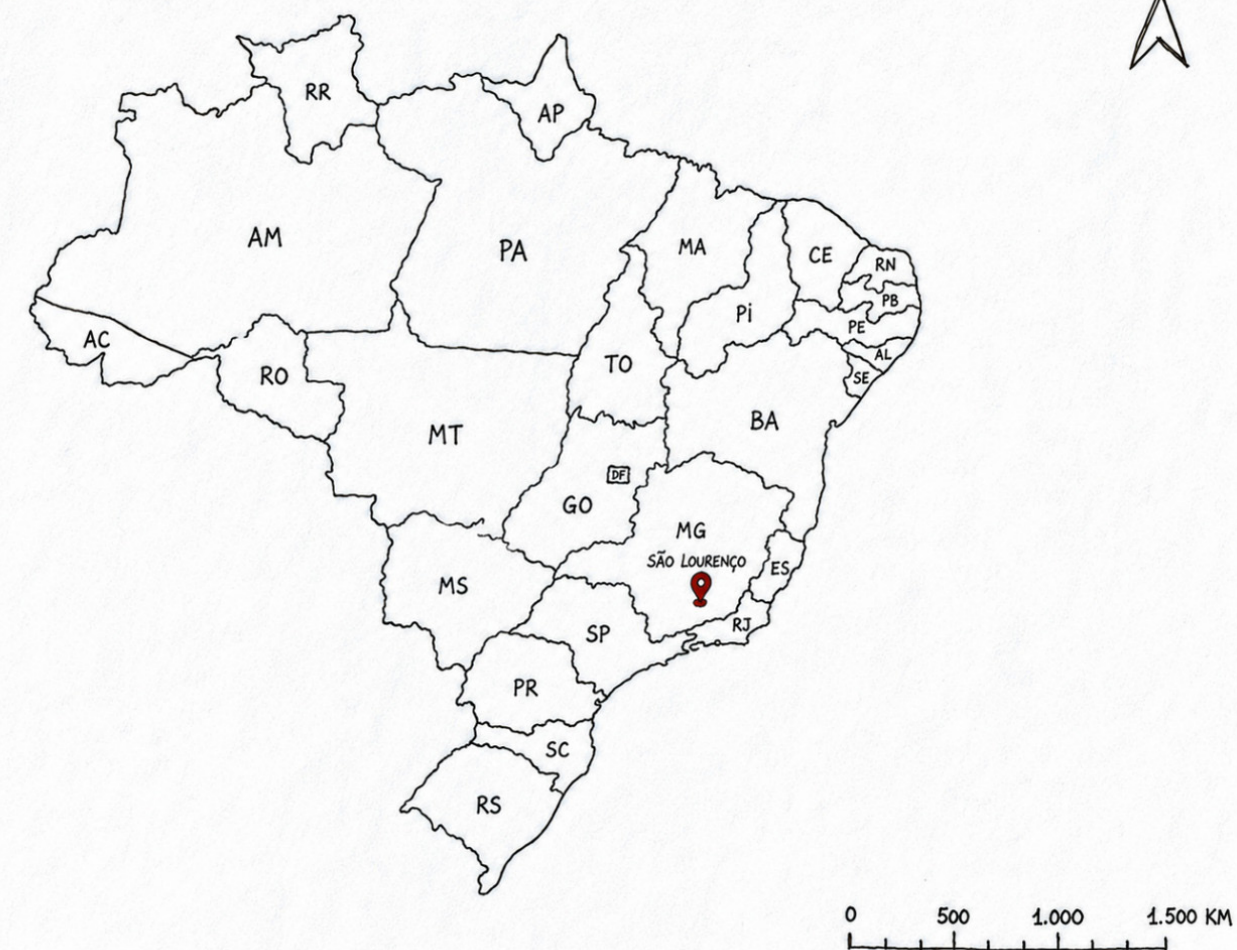
A maneira como se quer viver deveria ser expressa na maneira como as cidades são construídas, mas este é justamente um grande problema. A experiência numa cidade, como no quarto ou no campo de batalha, raramente é harmoniosa, mostrando-se com muito maior frequência cheia de contradições e arestas(Sennet, 20 18, p.13).

Para Sennett (2018), a cidade deve assumir-se como torta, aberta e modesta. É nesse terreno complexo que se fortalecem práticas insurgentes e outras alternativas ao planejamento dominante, sobretudo quando se valorizam saberes situados, expressões culturais locais e experiências sensíveis que resistem às lógicas homogenizadoras do espaço urbano. Ao fazê-lo, abrem-se brechas para imaginar e construir outras formas de habitar e significar a cidade.

Krenak (2022) nos lembra que só é possível “mundializar” ao acolher a potência de experimentar outros mundos, permitindo que diferentes cosmologias se afetem mutuamente e que os encontros se tornem fonte de imaginação coletiva. Ignorar essa diversidade e projetar um futuro homogeneizado conduz exatamente ao que Adichie (2009) recomenda evitar: a criação de um mundo sustentado por uma única narrativa, risco que, como alerta Krenak (2022, p. 97), vem acompanhado de ansiedade, fúria e de uma aceleração do tempo que esvazia a pluralidade das experiências.

Isso se relaciona também com a crítica de Stengers (2023) à “ciência rápida” que revela a necessidade de desacelerar e permitir a abertura para práticas que ampliem a imaginação e valorizem as realidades locais, contrariando a tendência de restringir o pensamento criativo. Ou seja, este artigo propõe esse olhar mais inclusivo e sensível para a cidade, reconhecendo as vivências diversas que a constituem.

As reflexões apresentam-se relevantes quando observadas a partir de territórios concretos e das experiências cotidianas de seus habitantes. Se as cidades contemporâneas são atravessadas por processos de aceleração, homogeneização e fragmentação das relações sociais, torna-se necessário investigar como os vínculos afetivos com os lugares continuam sendo produzidos e compartilhados no cotidiano urbano. É nessa perspectiva que esta pesquisa se insere, buscando compreender de que maneira memórias, experiências e narrativas individuais participam da construção dos lugares de afeto e das múltiplas imagens produzidas sobre uma mesma cidade.



Nesse sentido, o trabalho é situado e toma como campo empírico a cidade de São Lourenço⁵, localizada na porção sul de Minas Gerais (Figura 1). A escolha do município relaciona-se tanto à trajetória do pesquisador junto ao território quanto à possibilidade de investigar, em um contexto urbano conhecido e vivido, os múltiplos sentidos atribuídos aos lugares por diferentes sujeitos (Fig. 1).

A cidade é amplamente reconhecida pelas águas minerais e pela atividade turística. No entanto, este trabalho parte do entendimento de que o território também é constituído por experiências cotidianas, memórias, práticas culturais, relações de trabalho e formas de apropriação do espaço que nem sempre se fazem presentes nas representações mais difundidas da cidade.

O trabalho conecta-se a uma postura cartográfica, proposta por Deleuze e Guattari (1995), na qual a cartografia consiste na investigação de processos em curso, em oposição à aplicação de procedimentos rígidos e previamente definidos. A metodologia fundamenta-se em uma abordagem experiencial, articulada a instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação⁶ (APO) a partir de entrevistas semiestruturadas. As percepções,

5 A cidade de São Lourenço, localizada no sul de Minas Gerais, é integrante do Circuito das Águas e consolidou-se como destino turístico sobretudo pela presença do Parque das Águas, reconhecido por suas fontes minerais e pela tradição do uso terapêutico dessas águas. Todavia, este trabalho busca evidenciar outras imagens da cidade, para além do enquadramento turístico, ressaltando que existem múltiplas camadas urbanas, sociais e históricas que ultrapassam essa narrativa hegemônica. Para uma compreensão mais ampla sobre a construção do território são-lourenciano, ver a dissertação “A Potência do Lugar Cotidiano na Formação de Identidade: Por uma Narrativa de São Lourenço – MG” (Cunha, 2024).

6 A APO busca avaliar a influência e consequências das decisões projetuais no uso do ambiente por diferentes grupos de atores ou agentes envolvidos (Rheingantz et al., 2009, p.16). A partir dela, é possível compreender o valor do diálogo colaborativo nos estudos Pessoa-Ambiente-Comportamento, expondo como possibilidade a obtenção de informações com os diferentes “sujeitos”, sobre os espaços livres públicos, a partir de suas realidades, vivências, necessidades e interesses, frente aos lugares por elas utilizados. O caráter qualitativo desta mediação pode promover contribuições interessantes para a produção de cidades sustentáveis sob o pilar da qualidade humana.

memórias e narrativas compartilhadas pelos participantes foram posteriormente representadas por croquis, compondo mosaicos capazes de expressar diferentes formas de vivenciar e significar o território.

Nesse sentido, tais abordagens constituem não apenas estratégias metodológicas, mas também formas de desacelerar o olhar sobre a cidade e de valorizar experiências frequentemente invisibilizadas pelas leituras técnicas e generalizantes do espaço urbano. Ao privilegiar a escuta, a convivência e a experiência corporificada no território, a pesquisa aproxima-se das reflexões de Han (2015), Sennett (2018) e Stengers (2023), para quem a atenção ao cotidiano e às múltiplas formas de habitar o mundo pode abrir caminhos alternativos diante das lógicas de aceleração e homogeneização.

A partir dessa perspectiva, as conversas possibilitaram a escuta de narrativas que extrapolam as representações mais difundidas da cidade, trazendo à tona práticas cotidianas e modos singulares de vivenciar e apropriar-se do espaço urbano. Tal compreensão aproxima-se da noção de urbanismo dos comuns (Montaner; Muxí, 2021), ao reconhecer que a cidade não é produzida apenas por planos, normas ou intervenções institucionais, mas também pelas experiências compartilhadas, pelos vínculos sociais e pelas práticas cotidianas que constroem sentidos de pertencimento.

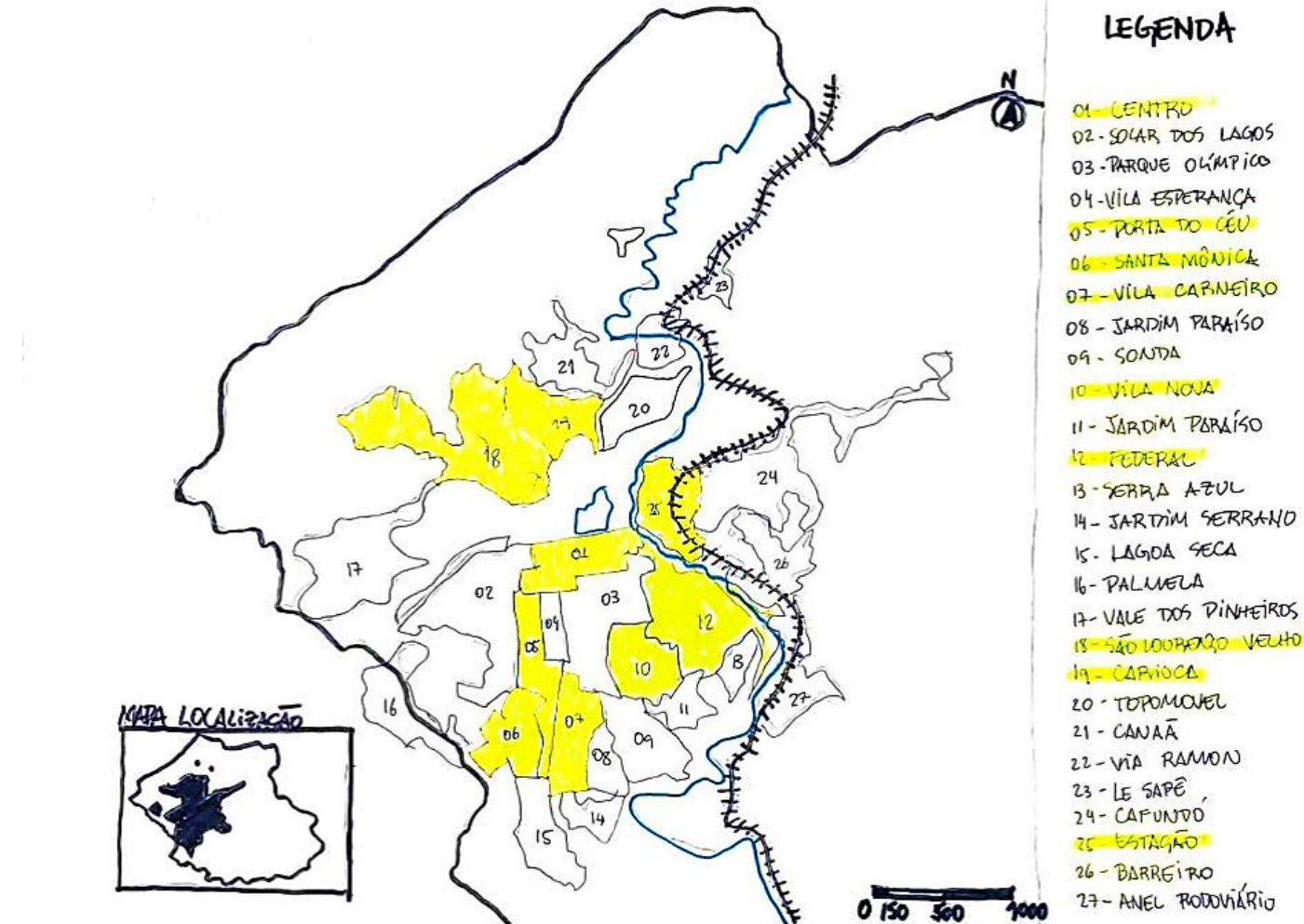
Assim, mais do que descrever lugares de afeto, o estudo busca compreender de que maneira essas experiências podem ampliar as leituras sobre o território e contribuir para reflexões acerca de outras formas de pensar e produzir a cidade contemporânea.

Metodologias de escuta, desaceleração e cartografia no território

A metodologia adota práticas que desaceleram, aproximam e aprofundam o olhar sobre o território (Stengers, 2023) se colocando no processo investigativo a partir de dimensões sensíveis, relacionais e contemplativas que o paradigma produtivista tendia a suprimir. Nesse contexto, destaca-se a importância de evidenciar a incessante busca pelo diálogo. Para isso, cartografia emerge como uma abordagem fundamental para registrar a escuta ativa nas interações com diferentes territórios e coletivos sociais. A seguir, apresenta-se um trecho do livro “A Cartografia como método de pesquisa-intervenção”, que dialoga diretamente com o tema:

“A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo” (Kastrup, 2012, p.32).

Trata-se de uma prática que recusa a neutralidade e assume que toda pesquisa é posicionada, implicada e territorializada, em que “toda pesquisa é intervenção”, enfatizando a integração entre conhecimento e experiência, teoria e prática. A pesquisa se desenvolve como um percurso guiado pelo plano da experiência e intervenção, transformando a realidade conforme a compreende, em um processo dinâmico que impacta o objeto de estudo, o pesquisador e a produção do conhecimento. Essa abordagem rompe com a tradicional separação entre conhecer e transformar.



A APO foi utilizada como abordagem interdisciplinar e multimétodos que analisa o ambiente construído com o objetivo de (re)construir a qualidade do lugar. A sua aplicação em conjunto com práticas sensíveis de campo, opera não apenas como ferramenta técnica, mas também passa a compor um repertório crítico que evidencia contradições, tensões e vulnerabilidades da cidade vivida. Ela auxilia na compreensão da importância do diálogo e do trabalho colaborativo na investigação das formas como as pessoas interagem com os lugares e constroem seus comportamentos.

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada, entendida aqui como “conversa corriqueira”⁷ e também como dispositivo de insurgência narrativa. Ela foi utilizada para investigar as relações intersociais e simbólicas que permeiam o território, reconhecendo que mesmo modificações individuais no espaço privado (unidade) contribuem para a dinamização da construção do espaço livre público⁸ (cidade) e, por conseguinte, do território.

A conversa entre os pesquisadores e os participantes é uma forma importante de compartilhar informações, pois proporciona a oportunidade de se estabelecer laços significativos no momento em que cada indivíduo se encontra com suas experiências e perspectivas únicas. Krenak (2022) utiliza o termo “alianças afetivas” que pressupõe esse afeto entre mundos não iguais, mas que se complementam. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário reconhece as alteridades em cada ser.

7 Termo utilizado em referência ao trecho do livro Espaço e Lugar “Se examinarmos certos planos visionários, estudarmos certas pesquisas sociais e escutarmos conversas fiadas, que são coisas corriqueiras da vida, é possível que descubramos que, enquanto o mundo é tremendamente complexo, os seres humanos e suas experiências são simples” (Tuan, 1983, pg 224).

8 Os espaços livres são áreas sem edificações, que podem ser pavimentadas ou arborizadas, urbanas ou rurais, públicas ou privadas (Magnoli, 1982). Neste trabalho, ao se referir a espaços livres públicos, considera-se aqueles bens de uso comum do povo, como ruas, praças, parques, praias e similares (Macedo et al., 2018). Foram nos espaços livres públicos que ocorreram as conversas corriqueiras, compreendidos como lugares essenciais para a observação das práticas cotidianas e das formas de apropriação do território.

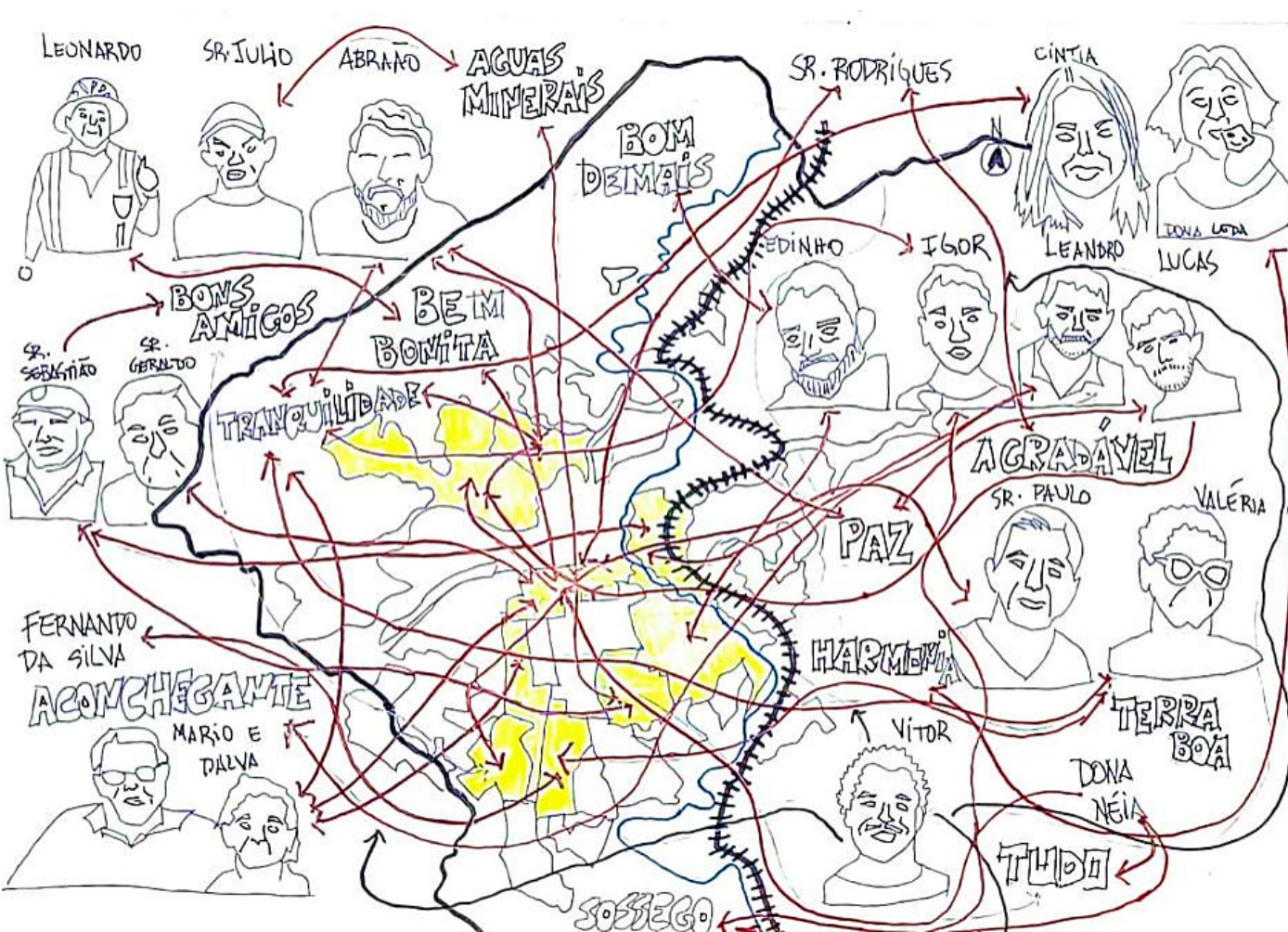


Figura 3 - "Mapa" dos entrelaçamentos entre localidades e participantes. Fonte: Acervo pessoal Vitor Maciel, 2024.

Esses saberes são enriquecidos, à medida que essas vivências são justapostas e combinadas. Esse processo de troca e reflexão mútua não apenas influencia a compreensão individual, mas também afeta os participantes de maneira bidirecional, conforme veremos no próximo item que demonstrará a experiência de outros olhares e imagens possíveis.

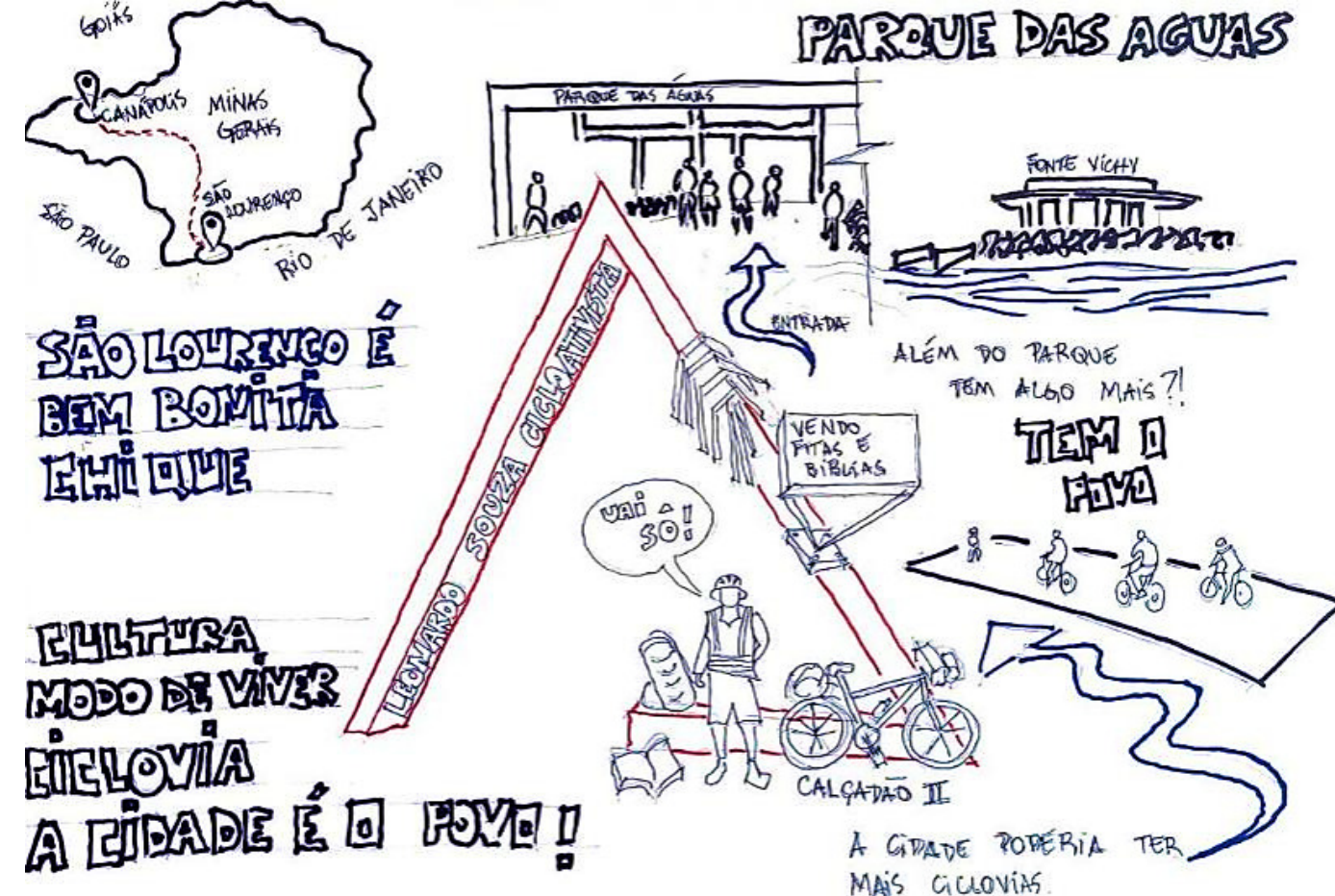
A aplicação metodológica foi estruturada em duas etapas complementares: (1) a realização de conversas corriqueiras, inspiradas em dispositivos de Avaliação Pós-Ocupação (APO); e (2) a elaboração de cadernos de campo e fichas-síntese, organizados como mosaicos de percepções e narrativas construídos para cada participante a partir de croquis e registros das experiências compartilhadas.

Destaca-se que o uso do croqui se revelou fundamental para a pesquisa, pois possibilitou registrar de forma sensível e intuitiva as relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente. Os desenhos constituíram uma ferramenta capaz de captar diferentes imagens e significados que emergiram ao longo das conversas, permitindo representar dimensões subjetivas da experiência que nem sempre são plenamente apreendidas por outros tipos de registro, como descrições textuais ou dados quantitativos.

Em síntese, a metodologia buscou aprofundar a compreensão do território a partir das experiências vividas pelos participantes, construindo uma leitura coletiva dos lugares investigados. Por meio de abordagens sensíveis, procurou-se reconhecer lugares de afeto e compreender de que maneira essas experiências podem contribuir para ampliar as reflexões sobre o planejamento e a produção da cidade contemporânea.

Configuração do campo e dinâmicas do encontro no espaço urbano

O recorte geográfico escolhido se deu através de estudos prévios, onde foi visto que a área central de São Lourenço mostrou uma diversidade de situações urbanas, sendo



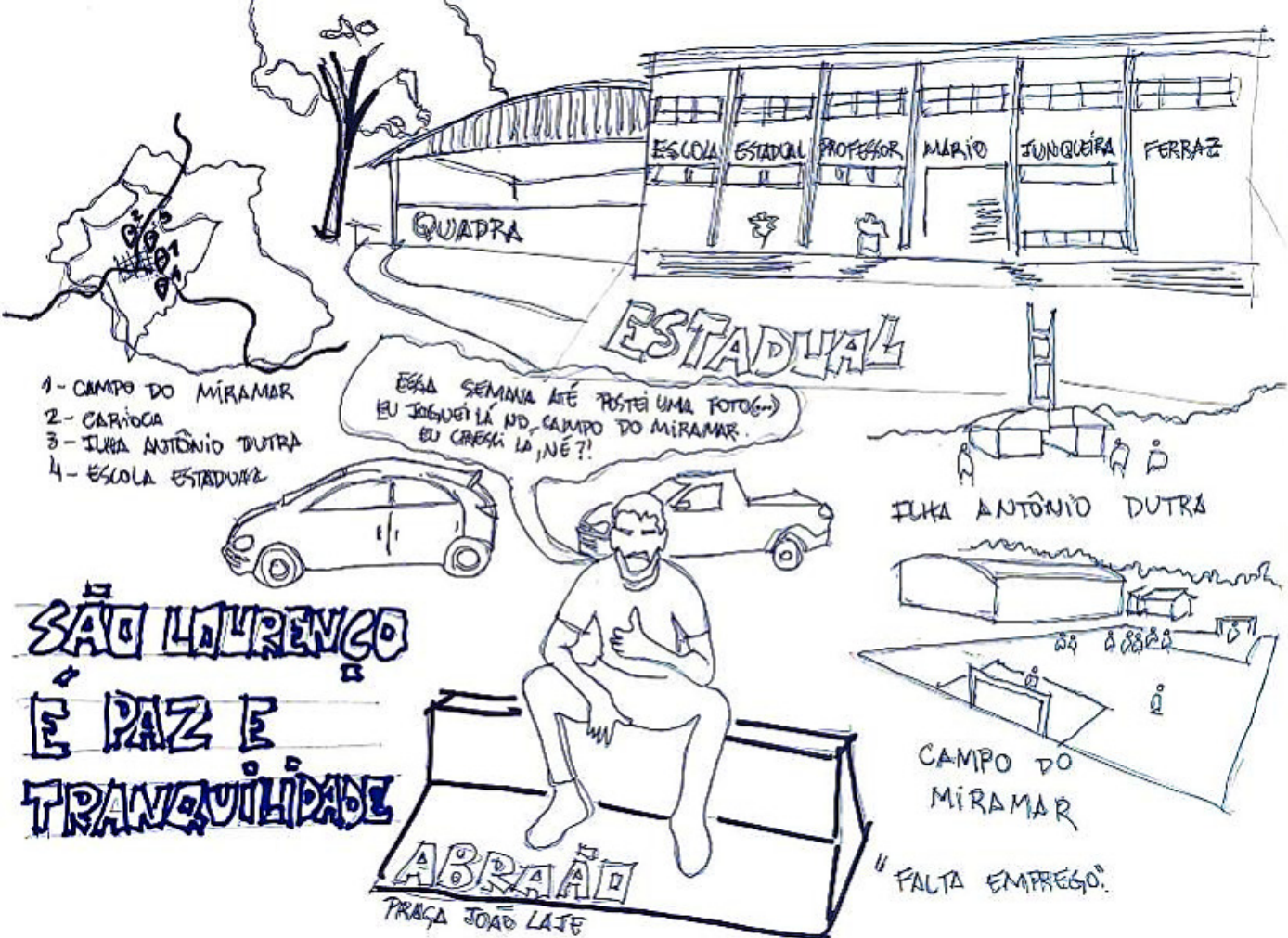
polo de convergência para moradores de distintas áreas do município. Trata-se de um espaço intensamente frequentado por quem trabalha, realiza compras ou usufrui de seus equipamentos e serviços. Assim, apesar de se tratar de um recorte específico da cidade, ele possibilita o encontro com uma amostra variada da população local. Como será discutido a seguir, esse recorte permitiu dialogar com moradores de diferentes bairros, portadores de trajetórias e percepções igualmente plurais.

A aproximação era espontânea, era feita nos lugares de convívio do centro, sem que houvesse um planejamento prévio de quem seriam os participantes. Buscava-se o encontro de grupos distintos para captar as distintas perspectivas sobre os lugares. A importância de se deixar-se encontrar pelas pessoas no espaço livre público e encontrá-las mostrou-se como uma importante ferramenta, ainda que exigisse aprender a lidar com imprevistos. Observou-se, contudo, que essa imprevisibilidade contribuía para construir e fortalecer vínculos com todos os participantes da pesquisa.

Para isso, adotou-se uma abordagem flexível, permitindo uma interação aprofundada das experiências, tanto individuais quanto coletivas⁹. Tal estratégia era uma maneira de obter uma conversa mais sincera e também sobre deixar os participantes mais confortáveis. Para guiar as conversas, foram utilizadas perguntas disparadoras, organizadas em um roteiro aberto, que poderia ou não ser seguido, dependendo da interação com o ambiente e com a pessoa:

9 Os diálogos realizados ao longo da pesquisa foram conduzidos com base em um protocolo ético aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme exigido pelas diretrizes nacionais. Todos os participantes foram previamente informados sobre os objetivos do estudo, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa formalização permitiu, entre outras coisas, a utilização dos nomes verdadeiros dos interlocutores, respeitando seu direito de escolha e reconhecimento enquanto sujeitos ativos na produção do conhecimento.

Figura 4 - Mosaico de percepções 1 - Leonardo Souza, o cicloativista. Fonte: Acervo pessoal Vitor Maciel, 2024.

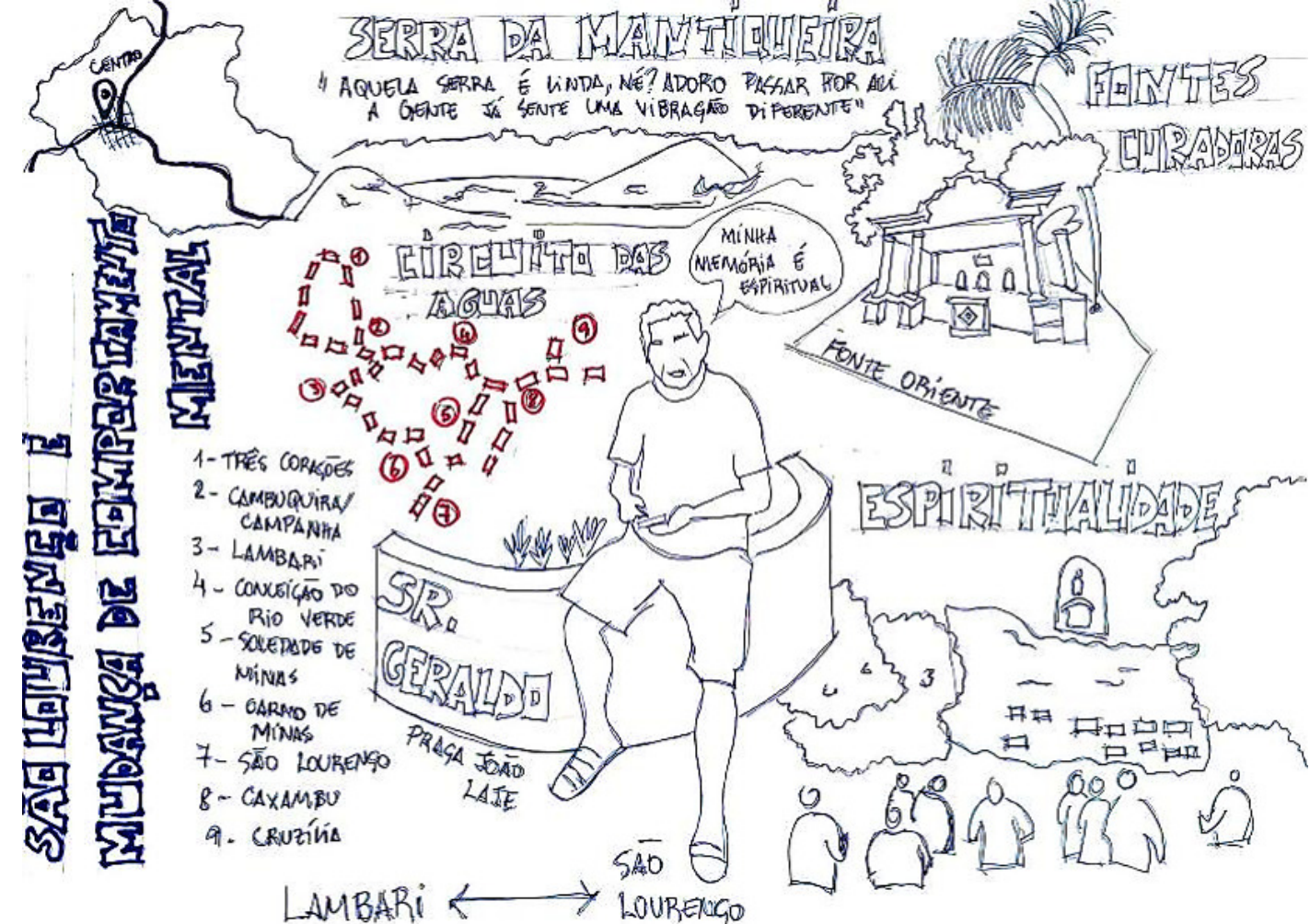


1. Em qual localidade de São Lourenço você mora ou morou?
2. Você costuma circular por quais partes da cidade?
3. O que São Lourenço representa para você?
4. Se você pudesse definir São Lourenço em uma imagem ou palavra, qual seria?
5. Você acha possível apreender no dia a dia da cidade, pelos lugares que frequenta?
6. Tem alguma memória boa ou ruim no território de São Lourenço?
7. Se pudesse modificar qualquer coisa no território de São Lourenço, o que seria?

Vale destacar que, a partir das conversas realizadas com 17 participantes, foi possível reunir um conjunto diversificado de perspectivas sobre o território. Serão apresentadas aqui algumas dessas narrativas que compõem o conjunto. As interações iniciais, como nome, idade e tempo de residência no município, ajudavam a contextualizar cada entrevistado dentro do universo de São Lourenço. Em seguida, foram identificadas as localidades onde viviam, permitindo uma compreensão mais ampla das dinâmicas residenciais e dos diferentes bairros que compõem a cidade (Fig. 2).

Paralelamente, buscou-se evidenciar a importância do centro como espaço de encontro, onde se cruzam as diversas personalidades e identidades que constituem a vida da cidade. Nesse sentido, o “mapa” a seguir evidencia as conexões e os entrelaçamentos que se estabelecem nos lugares de convívio da cidade, ressaltando a importância desses encontros e das múltiplas vozes que se fazem presentes no centro urbano (Fig. 3).

Diante da diversidade de narrativas e relatos sobre o território, tornou-se necessário elaborar fichas síntese, também entendidas como mosaicos de percepções e narrativas, para cada participante, reunindo suas múltiplas apreensões do lugar, expressas por meio de croquis. Assim, o olhar de todos no ponto de vista de cada, compõem a imagem de São Lourenço para alguns dos participantes da pesquisa.



Os mosaicos de percepções e narrativas foram elaborados após as conversas corriqueiras, a partir das gravações de áudio, dos registros em caderno de campo e das memórias construídas nos encontros. Optou-se por não desenhar simultaneamente às falas para que a atenção estivesse integralmente voltada à escuta, à interação e à construção de vínculo com cada participante. Dessa forma, os croquis constituem um exercício posterior de rememoração e interpretação da experiência vivida, permitindo revisitar aquele momento espaço-temporal e traduzir graficamente as múltiplas camadas que emergiram da conversa.

Em sua composição, alguns elementos foram organizados de maneira recorrente. À esquerda, na sua porção inferior, registraram-se trechos de falas, palavras e expressões que se destacaram ao longo do diálogo; na porção superior esquerda, foi inserido um mapa esquemático com os lugares de afeto, memórias e referências espaciais mencionados pelo participante; ao centro, foi representada a própria pessoa, entendida como protagonista da narrativa; e, ao seu redor, distribuíram-se imagens, símbolos, palavras e percepções construídas tanto a partir de seus relatos quanto das atmosferas, situações e impressões suscitadas pelo encontro.

O desenvolvimento dos croquis a cada conversa tem como objetivo não apenas representar literalmente a cidade ou reproduzir visualmente as entrevistas. Eles buscaram articular memória, experiência, escuta e interpretação em uma mesma composição gráfica.

Narrativas do território: o tempo não linear entre memórias e afetos

Durante a pesquisa de campo, observou-se que algumas perguntas tinham maior potencial para mobilizar memórias afetivas do que outras. Essa variação dependia do tipo de troca estabelecida, do espaço em que a conversa ocorria e das características das pessoas envolvidas. A pergunta sobre o dia a dia na cidade, por exemplo, mostrou-

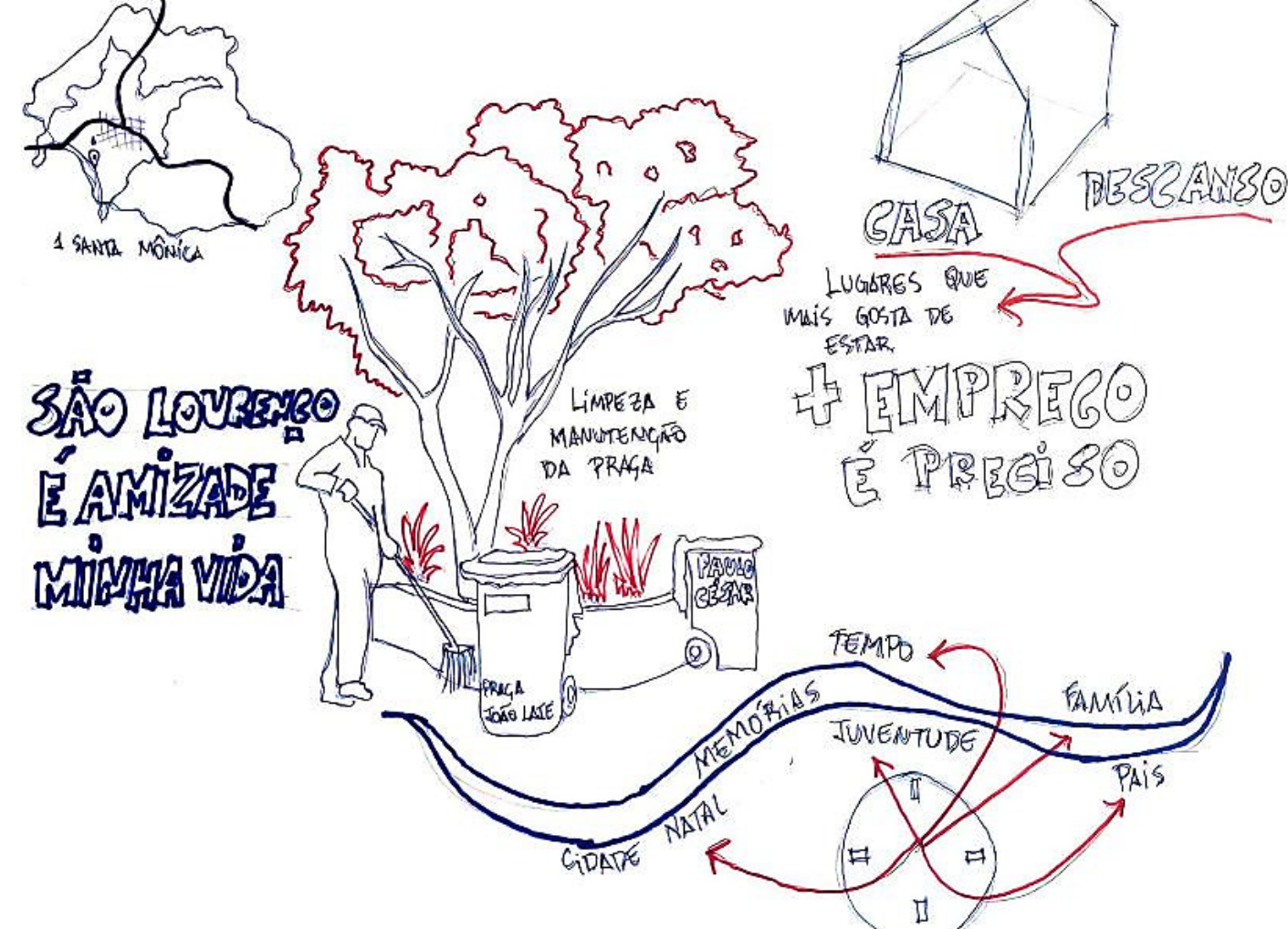


se especialmente eficaz quando dirigida a pessoas que estavam em deslocamento ou viagem, e que demonstravam maior abertura ao diálogo. Nesses casos, era possível perceber quando o interlocutor não apenas compartilhava informações e vivências, mas também se mostrava disposto a escutar e a incorporar novas experiências, como no caso do cicloativista Leonardo Souza (Fig. 4).

Embora sua fala mobilize referências turísticas, especialmente o Parque das Águas, Leonardo desloca a leitura da cidade para além de seus atrativos consolidados. Como cicloativista e viajante, sua percepção enfatiza a mobilidade, a acessibilidade e, sobretudo, as relações humanas como elementos centrais da experiência urbana. Ao afirmar que “a cidade são as pessoas”, sua narrativa tensiona uma compreensão baseada apenas na infraestrutura ou na imagem turística, evidenciando a cidade como construção coletiva, produzida pelas interações cotidianas, pela qualidade de vida e pelas possibilidades de encontro.

Ao longo das conversas, outras perguntas foram sendo introduzidas conforme as respostas e lembranças dos participantes. Questões relacionadas às memórias construídas na cidade revelaram um potencial para a identificação de marcos físicos tanto individuais quanto coletivos. Um exemplo é a entrevista com Abraão (Fig. 5), na qual foi possível identificar recordações vinculadas à escola onde estudou e ao campo de futebol que frequentava, espaços que marcaram a sua formação.

Diferentemente das narrativas associadas ao turismo, as memórias de Abraão revelam uma cidade construída pela experiência cotidiana. Os lugares mais significativos para ele não correspondem aos principais cartões-postais, mas aos espaços que participaram de sua formação pessoal, como a escola e o campo de futebol. Sua narrativa mostra que a construção dos lugares de afeto ocorre também em territórios ordinários, frequentemente ausentes das representações hegemônicas da cidade, mas fundamentais para a produção de pertencimento e identidade.



Embora ocupem posições distintas em relação à cidade, Leonardo (Figura 4) como visitante em trânsito e Abraão (Figura 5) como morador em São Lourenço, suas narrativas convergem ao deslocar a atenção da materialidade urbana para as experiências produzidas pelas pessoas. Enquanto Leonardo afirma que “a cidade são as pessoas”, associando a qualidade urbana às relações humanas, à acessibilidade e à qualidade de vida, Abraão mobiliza memórias ligadas à escola, ao futebol e aos espaços que frequenta com os filhos.

Nos dois casos, a cidade não aparece prioritariamente como um conjunto de edificações ou equipamentos, mas como uma rede de vínculos, aprendizados e experiências compartilhadas. Os croquis evidenciam justamente essa dimensão relacional, ao fazer emergir lugares que marcaram trajetórias pessoais e que continuam atuando na construção cotidiana da identidade urbana. Chama atenção ainda o fato de que, mesmo partindo de experiências distintas, ambos recorrem a referências afetivas para descrever São Lourenço, revelando uma cidade que extrapola sua imagem turística e passa a ser compreendida a partir das relações construídas em seu cotidiano.

Como colocado anteriormente, as entrevistas foram sendo construídas e reconstruídas de acordo com o tempo, com a pessoa e com o humor dos envolvidos. Foi o que aconteceu com a conversa com o Sr. Geraldo (Fig. 6), e posteriormente com a dona Leda (Figura 7). Durante essas conversas, observou-se a formação espontânea “microatmosferas” coletivas, na qual outros transeuntes passaram a participar do diálogo, compartilhando experiências, memórias e percepções sobre a cidade. Nesse contexto, os croquis permitiram registrar não apenas os conteúdos das falas, mas também a densidade relacional produzida pelo encontro, evidenciando dimensões do espaço urbano que dificilmente seriam apreendidas por representações convencionais (Fig. 7).

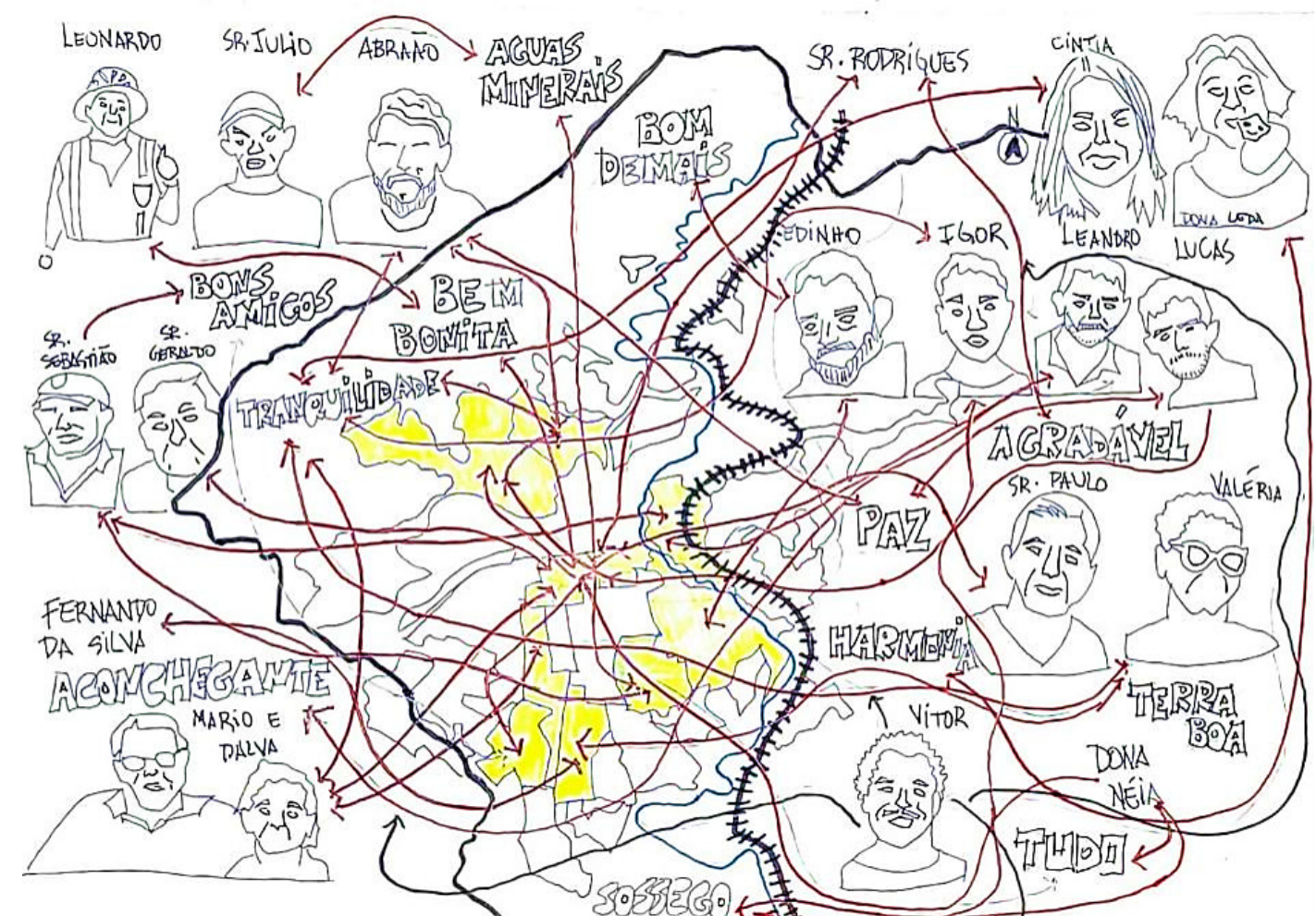


Essas conversas revelaram dimensões sobre um território associado a experiências espirituais, energéticas e subjetivas. Diferentemente das narrativas hegemônicas, ambos relacionam a cidade a processos de transformação interior, harmonização e conexão com outras formas de compreender o mundo. Mais do que referências a lugares específicos, suas falas mobilizam atmosferas, sensações e significados simbólicos atribuídos à região.

Já os diálogos com o Sr. Paulo César (Fig. 8), responsável pela zeladoria da praça, e o Lucas (Fig. 9), que trabalhava no trem da alegria como Homem-Aranha propõem a importância das pessoas que trabalham e integram o cotidiano dos espaços de circulação no recorte central da cidade. Eles têm o centro como plano de fundo de trabalho, e por conta disso, eles desempenharam um papel fundamental na aproximação com outros participantes, seja através da indicação de outros participantes, ou através da presença dos mesmos no espaço livre público onde, dia após dia, cumprimentavam como “o pesquisador”.

A narrativa de Paulo César desloca o olhar para uma dimensão frequentemente invisibilizada nas leituras urbanas: o trabalho cotidiano que sustenta a qualidade dos espaços públicos. Enquanto as representações turísticas tendem a destacar os espaços já prontos e bem cuidados, sua fala evidencia os processos de manutenção, cuidado e pertencimento que tornam esses lugares possíveis. Nesse sentido, a cidade aparece menos como cenário e mais como resultado de práticas diárias de trabalho e convivência.

Já a fala de Lucas revela uma posição singular, situada entre a vivência cotidiana e a atividade turística. Ao mesmo tempo em que trabalha diretamente com os visitantes, suas referências à cidade estão associadas à tranquilidade, ao trabalho, à criação da filha e às oportunidades de emprego. Sua narrativa demonstra que a imagem turística de São Lourenço não existe separada da cidade vivida por seus moradores, mas é constantemente produzida e sustentada por aqueles que habitam e trabalham no território.



As narrativas de Paulo César e Lucas aproximam-se por evidenciarem uma cidade construída a partir do trabalho cotidiano e das relações de convivência. Paulo César associa às amizades, às lembranças familiares e ao cuidado com os espaços públicos que integra por meio de seu trabalho na manutenção das praças. Lucas, por sua vez, articula a imagem turística da cidade às experiências ordinárias de quem vive nela, ressaltando simultaneamente a tranquilidade urbana, os percursos cotidianos e a necessidade de ampliação das oportunidades de emprego.

Em ambos os relatos, observa-se que a cidade turística não é negada, mas passa a coexistir com outras narrativas vinculadas à vida diária, ao trabalho e às relações sociais. Os desenhos contribuíram para tornar visível essa sobreposição de camadas, revelando que os mesmos lugares podem assumir significados distintos conforme as trajetórias e experiências de quem os habita.

Observadas em conjunto, essas narrativas demonstram que São Lourenço não é apreendida a partir de uma única imagem ou significado. A cidade turística, frequentemente mobilizada como sua principal representação pública, permanece presente em diversas falas, especialmente por meio do Parque das Águas e dos percursos de visita

Entretanto, ela passa a coexistir com outras cidades possíveis: a cidade da mobilidade e das pessoas, revelada por Leonardo; a cidade das memórias cotidianas e da formação afetiva, evocada por Abraão; a cidade espiritual e atmosférica, presente nas falas de Sr. Geraldo e Dona Leda; a cidade do cuidado cotidiano, expressa por Paulo César; e a cidade do trabalho e da experiência vivida, narrada por Lucas. Mais do que se oporem à narrativa turística dominante, essas leituras a complexificam, evidenciando a coexistência de múltiplas formas de habitar, perceber e significar o território (Tab. 1).

Tabela 1 - Participantes e as suas leituras sobre o território de São Lourenço.
Fonte: autores, 2026.

Participante	Lugares de afeto e referências	Narrativa predominante	Imagem de cidade
Leonardo	Parque das Águas, ciclovias, deslocamentos	Mobilidade e encontro com pessoas	Cidade em movimento
Abraão	Escola, Campo do Miramar, Praça Brasil	Memória e formação pessoal	Cidade da lembrança
Sr. Geraldo	Centro, Parque das Águas, Eubiose	Espiritualidade e transformação	Cidade espiritual
Dona Leda	Centro, convivência, atmosfera urbana	Sensibilidade e encontro	Cidade dos vínculos
Paulo César	Praças, trabalho cotidiano	Cuidado e pertencimento	Cidade do cuidado cotidiano
Lucas	Parque das Águas, circuito turístico, família	Turismo e vida cotidiana	Cidade tranquila

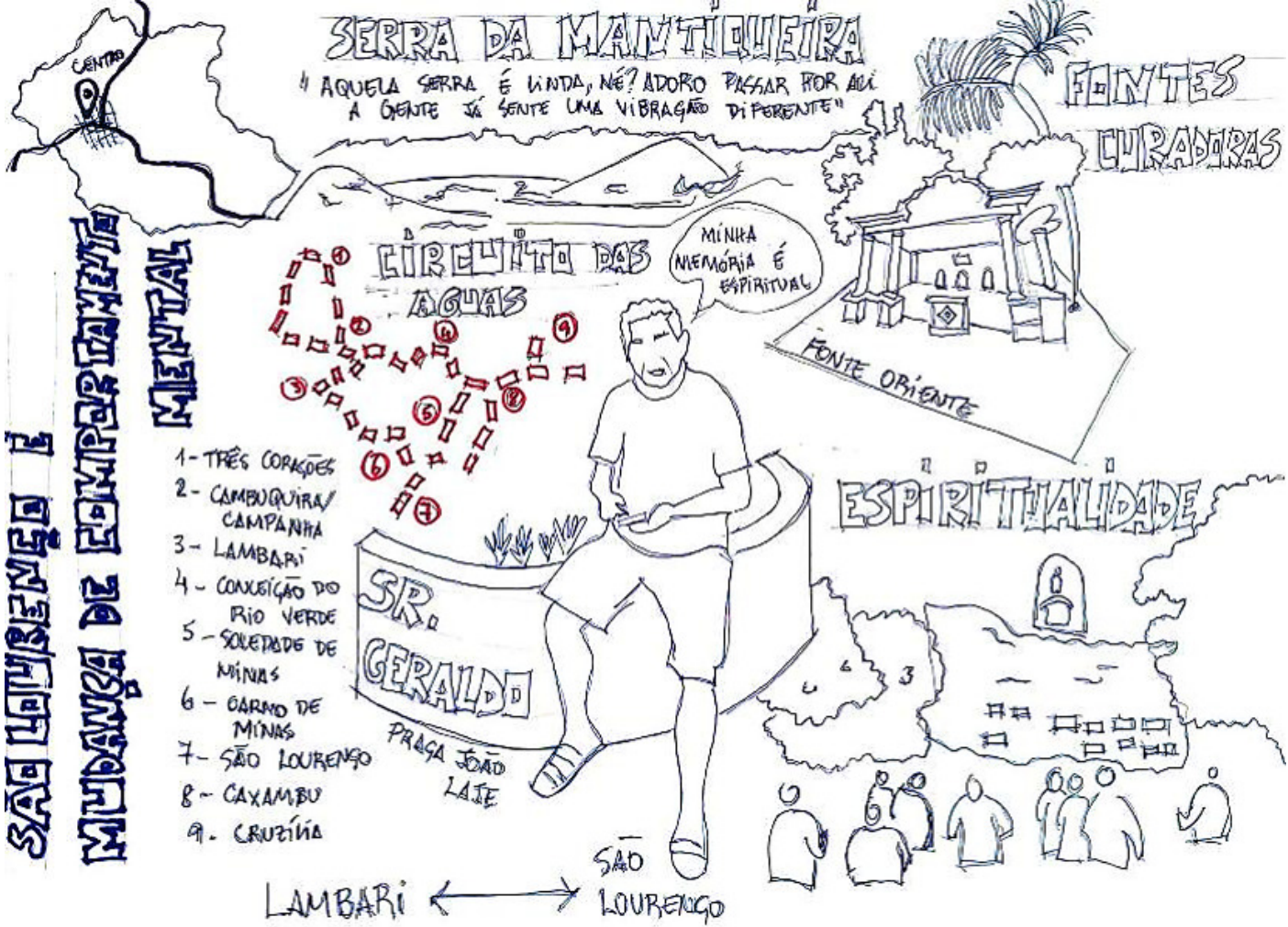
Ao evidenciar essas múltiplas formas de habitar e imaginar o território, os desenhos contribuíram para deslocar leituras simplificadas sobre São Lourenço e reforçaram a importância de incorporar experiências vividas, saberes cotidianos e dimensões afetivas aos processos de leitura urbana. Em diálogo com Adichie (2009), as narrativas revelam os limites de uma história única sobre a cidade; com Sennett (2018), evidenciam a importância da escuta e do encontro para a construção de cidades abertas; e, com Krenak (2022), apontam para a potência de reconhecer a coexistência de diferentes mundos e formas de habitar um mesmo território.

Considerações iniciais: aberturas e outras imagens da cidade

Os resultados demonstram que a escuta sensível, associada às práticas cartográficas e às conversas corriqueiras, possibilita acessar dimensões do território frequentemente ausentes dos instrumentos convencionais de leitura urbana. As narrativas revelaram uma cidade produzida não apenas por sua estrutura física ou por suas funções econômicas, mas também pelas memórias, afetos e experiências compartilhadas por seus habitantes.

Os croquis constituíram um importante dispositivo de interpretação dessas experiências, permitindo traduzir graficamente relações, lembranças e sentidos atribuídos ao território. Sua leitura conjunta evidenciou a coexistência de diferentes imagens de São Lourenço, muitas delas pouco visíveis diante da narrativa turística predominante.

Ao reconhecer essas múltiplas formas de habitar e significar a cidade, o estudo contribui para refletir sobre alternativas de planejamento urbano mais abertas à diversidade de experiências e à participação dos sujeitos na construção dos espaços urbanos. Nessa



perspectiva, planejar não significa apenas organizar infraestruturas ou regular usos do solo, mas também criar condições para que diferentes narrativas, memórias e formas de pertencimento possam ser reconhecidas e incorporadas aos processos de tomada de decisão. Dessa forma, o trabalho aproxima-se das discussões sobre alternativas urbanas no Capitaloceno ao evidenciar que outras leituras da cidade podem emergir da valorização das experiências cotidianas, das práticas de escuta e dos vínculos construídos no território. Mais do que oferecer respostas definitivas, a pesquisa aponta para a necessidade de ampliar os espaços de diálogo e imaginação coletiva na construção de futuros urbanos.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES - Código de Financiamento 001.

Referências

ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story: TED Conferences, 2009. 1 vídeo (18 min.). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-BR. Acesso em: 14 ago. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Figura 6 - Mosaico de percepções 3 - O Sr. Geraldo. Fonte: Acervo pessoal Vitor Maciel, 2024.

CUNHA, Vitor Maciel de Britto. *A Potência do Lugar Cotidiano na Formação de Identidade*: Por uma Narrativa de São Lourenço – MG . 2024. Dissertação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 1995.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACEDO, Silvio. S.; QUEIROGA, Eugenio F., CAMPOS, Ana Cecília A., CUSTÓDIO, Vanderli; GALENDER, Fany. *Os Sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2018.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. Tese (Livre-docência) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista*. 1. ed. São Paulo: Olhares, 2021.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

RHEINGANTZ, Paulo; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise; QUEIROZ, Mônica. *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SENNET Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. 1ª ed. São Paulo: Record, 2018. 377p.

SENNETT, R. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record , 2012a.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Tradução Fernando Silva e Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.